



Internet e Inclusão:

Comunidade de Deficientes Físicos no Orkut¹

Lian Sulwen Tai²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Analizamos a comunidade Deficientes Físicos, do Orkut, a fim de investigar suas apropriações e questionar seu papel inclusivo. Para tanto, mapeamos os conceitos de comunidade, especialmente comunidade virtual. Averiguamos que a comunidade em questão funciona insignificamente como espaço de debates e trocas, mas seu papel fundamental consiste na conexão proporcionada entre membros que pesquisam perfis de outros membros e a partir daí travam relacionamentos que podem transcender o plano virtual. Pudemos perceber que uma das “afinidades” mais importantes para os membros desta comunidade é a localidade, ou seja, a cidade em que se vive, de forma que tais relacionamentos não seriam tão “desespacializados” ou desconectados do espaço físico e as articulações se dão entre o plano virtual e o espaço das cidades.

Palavras-chave

Deficientes Físicos; Comunidades Virtuais; Inclusão Social.

1. Introdução

Com o advento e relativa popularização das tecnologias digitais, surgem novas formas de sociabilidade e são criadas diferentes maneiras de manifestação social. Essas manifestações articulam-se com as já tradicionais, possibilitando diversas combinações que, em última instância, acabam por se manifestar nas cidades, já que as interações travadas virtualmente nunca se restringem apenas ao espaço virtual, mas o ultrapassam e o transcendem.

¹ Trabalho apresentado ao GT de Práticas Sociais de Comunicação, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (nível mestrado) da Faculdade de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Novas Tecnologias e Cultura, com o projeto “Deficientes Físicos: Em Busca de uma Sociabilidade Inclusiva na Era Digital”. E-mail: liantai@hotmail.com



Vários teóricos (Rheingold, 1995; Domingues, 2003) defendem que a internet pode viabilizar a inserção de minorias sociais. Diana Domingues defende que “os princípios de exclusão social são diminuídos e transgredidos no ciberespaço” (DOMINGUES,2003: 32). Porém há uma lacuna no que diz respeito a pesquisas empíricas que envolvam tais grupos minoritários e investiguem suas apropriações de tais recursos.

A fim de contribuir para o preenchimento desta lacuna, buscamos, neste trabalho, analisar a comunidade Deficientes físicos, do Orkut, comunidade virtual de deficientes físicos atualmente com o maior número de membros (3037 membros em 09/01/2007). Através desta análise, procuramos levantar questões acerca do papel desta comunidade virtual na atualidade, da forma como os relacionamentos travados virtualmente interagem com o espaço das cidades e de suas peculiaridades, tendo em vista principalmente as formas como tais recursos são apropriados com fins de inclusão social.

2. O estigma e o papel das associações

Uma das minorias mais atingidas pela exclusão social são os deficientes físicos³, em parte, pela falta de adaptação dos espaços físicos e, em outra parte, devido ao fenômeno do estigma. Este não está na própria deficiência da pessoa. São os valores culturais estabelecidos que permitem identificar quais pessoas são estigmatizadas. A pessoa é estigmatizada porque se estabeleceu que ela possui no corpo uma marca que a distingue pejorativamente das outras pessoas, embora seja necessária uma linguagem de relações, não de atributos (GOFFMAN, 1977: 14).

Ervin Goffman explica que a sociedade categoriza as pessoas e atribui certas características esperadas nos indivíduos de cada categoria. Tais expectativas, que se transformam em rígidas exigências, só são percebidas quando não são correspondidas. O estigma surge nessas situações, em que normas não cumpridas atuam sobre o

³ Atualmente o termo “deficientes físicos” tem sido substituído pelo politicamente correto “pessoas portadoras de necessidades especiais”. Porém neste trabalho optamos por utilizar o termo adotado pela própria categoria, que nomeia a comunidade estudada.



encontro. Dessa forma, a pessoa estigmatizada possui um traço que se impõe à atenção e a desvia de outros atributos seus, afastando aqueles que encontra e não sendo facilmente recebida na relação social cotidiana.

Vários deficientes relatam terem passado por momentos de depressão e revolta, por sentirem “únicos no mundo”, diferentes, exceções (TAI, 2003, 30). A sociedade mais ampla, em seus espaços, não oportuniza o encontro entre eles, que permanecem reclusos ou em contato apenas com não-deficientes. O sentimento de não-pertencimento pode ser amenizado quando o deficiente entra em contato com outros deficientes. Esse contato caracteriza-se como extremamente positivo em dois aspectos: 1) Ao permitir a superação do estigma de diferente ao apresentar outros iguais; 2) Ao inseri-lo em um grupo, ao qual ele passa a pertencer.

As associações de deficientes físicos têm, pois, grande importância nesse aspecto. Elas permitem uma interação não oportunizada pela sociedade em geral. A partir da associação, os deficientes se organizam em um grupo, ligado por fins políticos, luta por direitos e benefícios. Porém seu papel mais importante consiste na oportunização da formação de comunidades, ligadas através de esportes, atividades culturais e de lazer. É através desse contato direto entre pessoas portadoras de deficiência física que elas encontram meios de interação e pertencimento.

Portanto são essas comunidades oportunizadas pela associação de deficientes físicos as instâncias intermediárias que os ligam à sociedade mais ampla. Daí a grande importância da associação para a conformação identitária do deficiente físico (TAI, 2003: 30).

3. Redes sociais, comunidades virtuais

Identificado o poder inclusivo das comunidades de deficientes físicos, cabe-nos a investigação do papel das comunidades virtuais, principalmente no que diz respeito às formas de sociabilidade e articulações geradas por elas, tendo em vista suas potencialidades de inclusão social. Para que essa discussão se torne possível, entretanto, torna-se necessário um mapeamento das noções acerca de comunidade,



desde seus conceitos clássicos, até seus usos atuais, marcados pelas novas formas de sociabilidade advindas das tecnologias digitais.

O conceito de comunidade nunca foi unanimidade (RECUERO,2001:109). Tönnies, sociólogo clássico alemão, criou um conceito de comunidade pura, em oposição à sociedade.

Para Tönnies, *Gemeinschaft* (comunidade) representava o passado, a aldeia, a família, o calor. Tinha motivação afetiva, era orgânica, lidava com relações locais e com interação. As normas e o controle davam-se através da união, do hábito, do costume e da religião. Seu círculo abrangia família, aldeia e cidade (RECUERO, 2001: 110).

Já a sociedade teria sido criada pela vida moderna e representaria as relações mecânicas, frias: a corrupção da comunidade, enquanto esta representaria o estado ideal dos grupos humanos.

Para Weber, a comunidade baseia-se em sentidos de solidariedade, que consistiria em ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (WEBER, 1987: 77). Para este sociólogo, comunidade e sociedade não são conceitos excludentes, pois grande parte das relações sociais teria, ao mesmo tempo, características dos dois tipos de agregações sociais.

Enquanto na sociologia clássica os conceitos de comunidade são permeados por idéias que a consideram como tipo ideal de agregação humana, bem como pela noção dicotômica entre comunidade e sociedade, na visão moderna a comunidade foi identificada com aspectos como a coesão social, a base territorial, a colaboração para um fim comum.

Marcuschi define comunidade como “uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras” (MARCUSCHI, 2005, 22). Esta noção de comunidade indica que as relações interpessoais proporcionam sociabilidade, apoio, interação e identificação social. Ele aponta cinco características que definiriam uma comunidade: 1) os membros, indivíduos inseridos nas comunidades de acordo com a profissão, personalidade, interesses; 2) o relacionamento, as interações entre os membros das comunidades, que podem ser de amizade, profissionais, artísticos; 3) a confiança e a reciprocidade, os membros se



confiam e se ajudam mutuamente; 4) os valores e as práticas partilhadas, conjunto de normas e objetivos que regem as comunidades; 5) os bens coletivos, os processos de produção, uso e distribuição de bens dos membros; a durabilidade, como se trata de um grupo, a comunidade só se efetiva de acordo com a duração.

Com o advento de novas formas de sociabilidade permitidas pelas tecnologias digitais, a noção de comunidade tem sido rediscutida e reformulada:

Alguns reclamam sua falência, com um certo tom nostálgico, lamentando seu desgaste e perda de sentido no mundo atual. Outros apontam para os focos de resistência que comprovariam sua pertinência, mesmo em meio a nossa sociedade capitalista individualizante. Mas há os que acreditam, simplesmente, que o conceito mudou de sentido (COSTA, 2005: 236).

Vem, então, à tona a questão sobre se a noção de comunidade pode ser transposta para o ciberespaço e de que forma e com que alterações isso deve ser feito. Pode-se chamar de comunidades as agregações efetivadas no espaço virtual?

Howard Rheingold definiu, inicialmente, comunidades virtuais como “social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace”⁴ (1995: 11). Ao se falar de comunidade virtual, portanto, torna-se necessário deslocar o conceito de comunidade como vinculado a um espaço físico ou a um grupo social específico (trabalho, igreja, bairro) para uma noção que considere as articulações e o fluxo de informações.

Surgem, através do espaço virtual, comunidades nas quais as pessoas se integram e buscam fatores de socialização. Os grupos passam a existir não só no mundo físico, nas escolas, no trabalho, mas também nos grupos virtuais, em que os mesmos interesses estão em comum, unidos pela necessidade de se agrupar. Através das comunidades virtuais, as pessoas buscam identificação com tribos, que se conectam em função de um objetivo comum ou por interesses comuns e nestas conexões perpassam identidades. As interações virtuais já não são tão vinculadas ao aspecto espacial, já que a distância física é eliminada no contato *online*.

⁴ “Agregações sociais que emergem da internet quando pessoas suficientes promovem discussões públicas o tempo suficiente, com emoções suficientes, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”.



A formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas (CASTELLS, 2003: 98).

As comunidades formadas no mundo virtual apresentam particularidades em relação àquelas formadas no espaço físico, o que não significa que ambas não possam articular-se entre si.

Para André lemos (2002: 154), entretanto, nem toda forma agregadora da internet pode ser considerada comunitária, pois há agrupamentos em que os participantes não desenvolvem vínculos afetivos ou temporais. Raquel Recuero (2001: 118) aponta a interatividade como um dos requisitos para a formação comunitária virtual. Portanto os membros de uma comunidade devem estabelecer trocas entre si. Alex Primo (1997:2) afirma que o pertencimento também é característica necessária na formação comunitária. Entretanto o pertencimento de que tratamos nas agregações comunitárias formadas no ciberespaço difere-se da noção tradicional de pertencimento, que está centrado na territorialidade.

Portanto percebemos deslocamentos do conceito de comunidade: desde os conceitos clássicos, que se referem a laços de parentesco, relacionamentos em ambientes rurais ou cidades pequenas, em uma dicotomia entre comunidade e sociedade, passando pela noção moderna, em que a territorialidade é tida como aspecto essencial na formação comunitária, bem como as formações que passam por instituições, como igreja e trabalho, até a apropriação do conceito de comunidade para o ciberespaço, em que esta não mais se apóia na noção de territorialidade, mas sim de interação e afinidades.

4. O Orkut e suas comunidades

O Orkut é uma comunidade virtual que agrega várias funções e serviços na Internet: correio eletrônico, criação de rede de amigos, participação em outras sub-comunidades dentro desta comunidade, definição de perfil de usuário, álbum de fotografias digitais, agenda eletrônica, mural de recados.



Para participar do Orkut, a pessoa recebe um convite de alguém que já seja cadastrado nesta comunidade, preenche a sua ficha cadastral, que fica acessível para que os outros possam lê-la. No site do orkut, aparece a seguinte definição: “uma comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis”. É uma proposta de encontro de amigos no ambiente virtual, onde é possível encontrar os amigos e conhecer outros.

Uma das razões para o sucesso do orkut é o fato de formar uma rede virtual baseada no mundo real. Ninguém está conversando com estranhos – todo mundo que participa do site é seu conhecido ou conhecido de algum conhecido seu, como na Teoria dos Seis Graus de Separação, pela qual, com seis contatos, chega-se a qualquer pessoa no mundo. Essa reconfortante existência de referências para os relacionamentos na rede atraiu muita gente que não era ligada em Internet. (NOGUEIRA, TERMERO, LEAL, 2004: 98).

Raquel Recuero (2004:9) observa, entretanto, que a “rede de amigos” formada no orkut não necessariamente representa uma rede social, porque se podem acrescentar “amigos” aleatoriamente, bastando, para isso, fazer o pedido e este ser aceito, sem que haja, de fato, qualquer interação entre esses usuários. Esses “amigos” com que não há interação acabam sendo conectores que ligam membros de grupos isolados. Recuero utiliza os conceitos de laço relacional e laço associativo. O primeiro seria constituído de interações e relações sociais, enquanto o segundo surgiria em função da mera conexão entre um indivíduo e um grupo (RECUERO, 2005: 8).

Alex Primo classifica dois tipos de interação como sistema: interação mútua e interação reativa. A primeira pressupõe participação ativa de todos os membros da relação de comunicação, de forma recíproca e interdependente, formando um sistema aberto. A segunda trata apenas de seleção de alternativas, com possibilidades previamente limitadas, formando sistemas fechados (PRIMO, 2003: 61).

O Orkut poderia ser considerado um sistema aberto na medida em que sofre as influências do meio social existente não só dentro do seu sistema, mas também no mundo offline. A formação de comunidades e o conteúdo dos scraps, na maiorias das



vezes, referem-se não somente ao que acontece dentro do software, mas pode-se dizer que o que ocorre praticamente na totalidade do sistema é a sua utilização em função dos acontecimentos do mundo físico, fora do plano virtual. Mesmo sendo restrito no fato de que somente quem está no Orkut pode incluir novos membros, o funcionamento do sistema ocorre em função dos fatos reais, não virtuais.(AQUINO, 2005: 06).

O Orkut permite a criação e desenvolvimento de comunidades, que apresentam um tema, às quais se pode associar como membro e nas quais se podem travar debates relacionados ao tema em questão.

5. A comunidade Deficientes Físicos

A comunidade *Deficientes físicos*, do Orkut, conta com 3037 membros (no dia 09/01/2007), número que varia constantemente, pois novos membros são inscritos ou outros se excluem diariamente. Esta comunidade foi criada por Mariana Silva em 3 de outubro de 2004 e é definida por sua criadora como “comunidade para todas as pessoas que queiram trocar idéias sobre a realidade dos deficientes físicos ou simplesmente fazer novas amizades”.

Em sua página inicial, temos, no canto direito superior, uma janela que mostra os membros da comunidade. Abaixo dela, há o espaço da listagem das comunidades relacionadas, que são: Basquetebol em cadeira de rodas; Namoro com deficientes; Pais dos deficientes físicos; Sexualidade do deficiente; Associação desportiva dos deficientes; Deficientes; Cadeirantes; Alguma deficiência. Também é encontrado no site o espaço do fórum, principal espaço em que os membros da comunidade podem interagir, expressando suas idéias, fazendo desabafos e participando de debates. Abaixo do fórum há o espaço destinado aos eventos. Neste espaço, são publicizados os eventos que possam interessar à comunidade.

Apesar do grande número de membros da comunidade, percebe-se pouca participação efetiva por parte deles. Quanto a esse pequeno número de participações, há duas hipóteses prováveis, que não se excluem, mas que, pelo contrário, devem se articular. A primeira das hipóteses tenta explicar a baixa participação julgando que parte dos usuários possa participar da comunidade apenas lendo as informações e os debates



contidos nos fóruns ou as informações de eventos, sem expressar suas opiniões, ou sem se expor. A segunda hipótese sugere que parte dos membros da comunidade sequer freqüentem seu site. O Orkut é um espaço virtual em que as pessoas constroem identidades e definem seu perfil de modo a serem vistas de determinadas maneiras. A identidade-própria é sempre em relação ao Outro que o observa. Portanto o pertencimento a determinadas comunidades nem sempre indica que o usuário realmente acompanhe suas dinâmicas, mas, possivelmente, que ele coleciono o *status* de pertencente a ela. Ou seja, a comunidade torna-se um elemento de seu perfil, expondo ou afirmando seus gostos e afinidades.

Ao notarmos que, do grande número de membros da comunidade em questão, apenas pequena parcela efetivamente interaja naquele espaço, podemos considerar que esta comunidade atua grandemente como conectora. Desta forma, para muitos usuários ela pode não funcionar como espaço de interação, mas através dela cada membro está conectado a outros membros, tendo a oportunidade de conhecê-los, adicioná-los como amigos e aumentar sua teia de relações.

Os fóruns são o espaço em que a interação entre seus membros é mais efetiva. Os participantes da comunidade têm o poder de criar um fórum colocando um tópico em pauta para debate. A partir desta iniciativa, os outros membros dão continuidade ao assunto.

Observando os fóruns da comunidade em questão, porém, verifica-se que à grande maioria dos fóruns propostos não é dada continuidade. Ou seja, a questão proposta não é respondida ou desenvolvida pelos membros do grupo. Os tópicos postos em pauta dizem respeito a variados assuntos, como: religião; doença; adaptação de meios e objetos; sexo e namoro; desabafos; preconceito; até propagandas. Muitos tópicos são iniciados como desabafos e pedido de aconselhamento e opinião, com o propósito de trocar relatos e encontrar experiências comuns quanto à situação de ser deficiente.

Os pouquíssimos tópicos a que é dada continuidade são aqueles que oportunizam, em sua maioria, a exposição dos participantes. Entre centenas de tópicos propostos, encontramos apenas alguns fóruns que se desenvolvem e têm continuidade. Entre estes poucos, estão o fórum que pergunta o que cada um faz, no qual o participante expõe seu



emprego e suas atividades, e o fórum que teve mais desenvolvimento, suscitando maior participação dos membros, que pergunta “com quem você ficaria?”, em que os participantes apontam os membros considerados mais desejáveis da comunidade.

Através da análise dos tópicos debatidos no fórum, percebemos que o espaço da comunidade em questão é pouco utilizado com fins de trocas de informações e debates, mas é apreendido principalmente com fins de construção identitária, de modo a cada membro expor-se, construindo uma representação de si e, com isso, atrair ou encontrar pessoas com quem se relacionar.

Verifica-se que, apesar do grande número de membros, a pouca interatividade efetiva na comunidade (já que a grande maioria dos fóruns iniciados não são desenvolvidos e, os que o são, não geram debates, mas oportunidades de exposição dos participantes) suscita a questão sobre o papel de tal comunidade. É questionável se a denominada comunidade de Deficientes Físicos no Orkut pode ser considerada uma comunidade, afinal, não se trata de um grupo coeso, cujos membros tenham uma relação de interatividade e interdependência.

Outro aspecto que chama a atenção ao analisarmos a comunidade em questão é o aspecto da espacialidade. Ao falarmos em Internet, o espaço é relativizado, pois, através dela, pessoas de diferentes lugares do mundo podem se conectar, se comunicar e interagir. Porém, verificamos, pela observação da dinâmica da comunidade *Deficientes físicos*, que seus membros, através da comunidade, identificavam outros deficientes, verificando seus perfis, não apenas em relação a afinidades ou assuntos de seus interesses, mas também em relação ao espaço físico em que a pessoa vive. Ou melhor, uma das afinidades mais significativas acaba sendo a cidade de residência. Isso ocorre porque, através da comunidade virtual, o deficiente busca pertencimento na sociedade. Porém o contato virtual não basta. A comunidade virtual é procurada com o objetivo de estreitar laços e conhecer pessoas com quem se possa ter convivência direta, relacionamento no espaço físico.

É nesse ponto que se dá o estreitamento entre o espaço virtual e o espaço físico das cidades. O grupo criado virtualmente seria um pretexto para a oportunidade de encontros nos espaços físicos. Como foi explicado anteriormente, devido à falta de



adaptação e, principalmente, devido ao estigma e às reações de preconceito, os deficientes, nas cidades, acabam por ficar reclusos. A Internet e os grupos nela criados apresentam-se, pois, como uma possibilidade de libertação, já que, através dos contatos possibilitados por ela, seriam gerados encontros que transcenderiam o espaço virtual, expandindo-se para o espaço das cidades.

Ao observar os fóruns da comunidade em questão, também é facilmente perceptível que parte considerável dos tópicos não abrem espaço para debates, mas informam sobre oportunidades de empregos ou eventos, fazem propaganda de serviços voltados para deficientes, ou requisitam ajuda para pesquisas sobre deficientes físicos.

Se a comunidade possui 3037 membros, porém uma parte quase insignificante participa e interage nesse espaço, e parte considerável dos fóruns, mais do que espaço para debates, trata-se de propagandas voltadas para público específico, podemos questionar se a comunidade em questão, antes de funcionar como um instrumento de inclusão social, é apropriada como um espaço em que se encontra um público alvo específico, tornando, portanto, os anúncios mais efetivos, já que se tem noção das especificidades e necessidades daquele grupo. Podemos inferir que, ao anunciar nesta determinada comunidade, haverá um público de aproximadamente 3037 deficientes físicos. Pois se há um grupo de pessoas que pertence a determinado grupo, porém que, mesmo sendo possibilitado, não utiliza o espaço do grupo como um espaço de debate e interatividade, ele pode ser considerado como público, ou seja, receptor de determinadas mensagens direcionadas àquele alvo específico. Desta forma, a comunidade em questão atuaria em parte considerável como meio massivo, cujos membros, em grande parte, em vez de interagirem entre si, seriam apenas receptores de anúncios e mensagens.

6. Considerações finais

Ao analisarmos a comunidade Deficientes Físicos, em primeiro lugar tornou-se necessário o debate acerca do conceito de comunidade, pois trata-se de uma comunidade virtual, que não se enquadra nas noções clássicas, relativas a laços de parentesco e zonas rurais ou pequenas vilas urbanas, tampouco nas noções modernas, que dizem respeito a territórios limitados. A comunidade virtual tem caráter relativamente desespacializado, à medida que seus membros não necessariamente têm



contato no plano físico e é definida, atualmente, mais em relação a suas articulações e fluxo de informações.

Ao tratarmos da comunidade virtual, portanto, devotamos maior atenção ao seu caráter interativo e associativo. Nestes aspectos, pudemos notar que a utilização do espaço da comunidade em questão é insignificamente utilizado como espaço de discussão e trocas. A grande maioria dos tópicos levantados no fórum não tem continuidade.

A comunidade Deficientes Físicos atua como conectora. Através dela, um membro chega a perfis de outros membros, com quem pode travar relacionamentos tanto no plano virtual, como no plano das cidades. Este aspecto toma grande importância, pois verificamos que a localidade geográfica em que um membro vive é tida como uma afinidade de suprema importância no poder de atratividade que um membro tem na comunidade. Esta comunidade, pois, não atua como as associações de deficientes que possuem estrutura e espaço físicos, nas quais seus membros interagem, criando um local de convívio e pertencimento. Porém ela atua como conectora entre membros que podem contatar outros, ao pesquisar seus perfis. Esse tipo de encontro muitas vezes é impossibilitado nas cidades, devido não só à pouca acessibilidade, mas também aos constrangimentos causados pelo estigma e pela própria falta de predisposição à exposição e ao travamento de contatos fora do mundo virtual.

Enfim, também se torna uma questão pertinente saber se a comunidade de deficientes físicos analisada tem um papel libertador e inclusivo ou se a apropriação que é feita dela acaba por sobrepor um espaço análogo ao espaço dos meios de comunicação de massa, porém mais eficiente, por tratar de um público-alvo específico.

Referências

ALDUS, Joan. *O intercâmbio entre Durkheim e Tönnies quanto à natureza das relações sociais*. In: MIRANDA, Orlando. Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: EDUSP, 1995.

AQUINO, Maria Clara Jobst de. *Interação mútua e interação reativa no orkut: uma abordagem do sistema como rede social e campo interativo*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.



BORDENAVE, Juan E. Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Sociedade em rede*. 4 ed. Trad. Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Rogério da. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 9, n. 17, p.235-248, 2005.

GOFFMAN, Ervin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 edic. Trad. Tomaz T. Silva, Guaracira L. Louro. Rio de Janeiro: DP49, 1999.

LE MOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2 edic. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORAES, Cleber Matos de. *Por que existe tanto brasileiro no orkut? Ou as redes sociais e o homem cordial*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

NOGUEIRA, Tânia; TERMERO, Maíra; KEAL, Renata. *Festa brasileira na rede*. Revista Época. No. 326. 16 ago 2004.

PRIMO, Alex. *A emergência das comunidades virtuais na internet*. In: XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Santos: Intercom, 1997.

_____. *Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo*. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 1998.

RECUERO, Raquel. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. ECOS Revista. Pelotas: v.5, n.2, p.109-126, 2001.



____. *Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs*. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Rio Grande do Sul: Intercom, 2004.

____. *Redes sociais no ciberespaço: uma proposta de estudo*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

____. *Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na internet*. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. Brasília: Intercom, 2006.

____. *Dinâmica de redes sociais no Orkut e capital social*. In: ALAIC. Anais. São Leopoldo: ALAIC, 2006.

RHEINGOLD, Howard. *The virtual community: surfing the internet*. London: Minerva, 1995.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. São Paulo: Record, 1997.

TAI, Lian. *Deficientes físicos: estigma e exclusão*. Relatório final (Pibic de Antropologia). Goiânia: Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade federal de Goiás, 2003.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

WELLMAN, B.; BERKOWITZ, S. D. *Social structures: a network approach*. New York: Cambridge University Press, 1988.